

O EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA NOVA PERSPECTIVA DE FUTURO

DOI: 10.18312/connectionline.v0i25.1708

Aledir Pereira de Magalhães Tocantins¹

Ivan Tocantins²

RESUMO:

O presente artigo analisa o empreendedorismo na infância a partir de sua implementação nas escolas públicas do Brasil, visando alunos de 06 a 14 anos. Analisa-se, também, o incentivo advindo de pais e professores para a construção de uma atitude empreendedora por parte das crianças. Dentro das próprias necessidades criativas da criança, é possível realizar o fomento ao empreendedorismo por meio do reconhecimento e premiações de suas ações. Parte-se do referencial teórico da Psicologia e da Educação, com as contribuições de Jean Piaget ao apontar as fases do desenvolvimento infantil. Com Piaget se identifica, na criança a partir dos 06 anos, o início do pensamento lógico e operacional, a resolução de problemas, a capacidade de planejamento e alarga-se a faculdade de interpretação do entorno no indivíduo. Entende-se, assim, que é nessa fase do

¹ Engenheira Civil E Engenheira De Segurança Do Trabalho. Professora da disciplina de geotecnia ambiental no curso de graduação superior em engenharia ambiental, das disciplinas de Engenharia de Segurança do Trabalho, Trabalho de Diplomação em Engenharia Civil, Planejamento e Qualidade na Construção Civil, Tecnologia de Construção I e II no curso de graduação superior em Engenharia Civil. Possui graduação em Engenharia Civil (1991), Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho (2001), Especialização em Gestão e Perícia Ambiental (2012) e Especialização em Gestão de Projetos em Engenharias e Arquitetura (2017), com as titulações obtidas junto à Universidade Federal de Mato Grosso e Instituto de Pós Graduação - IPOG. Regularmente inscrita no CREA-MT, tem experiência nas áreas de Sistemas de Gestão da Qualidade NBR ISO 9001, Sistema de Gestão Ambiental NBR ISO 14001 e em Segurança do Trabalho em obras de engenharia e demais áreas.

² Possui graduações em nível de bacharelado em Engenharia Civil (UFMT 1992) com inscrição no CREA-MT e em Direito (UFMT 2007) com inscrição na OAB-MT. Formações em nível de Pós-graduação de Especialista em Direito Empresarial (UGFRJ 2010), Especialista em Gestão e Perícia Ambiental (UFMT 2012), Mestre em Física Ambiental (PPGFA/UFMT 2015) e doutorando pelo PPGFA/UFMT com qualificação, defesa e aprovação por banca ocorrida em 2019. Foi professor de ensino superior dos Departamentos de Engenharia Civil da Universidade de Cuiabá e do Centro Universitário Univag no período 2013-2016. Desde março de 2016 é servidor público do quadro ativo permanente da União, lotado do IFMT/VGD no cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Tem experiência profissional e acadêmica na área de Engenharia Civil, área Jurídica e área das Ciências Ambientais, atuando principalmente nos segmentos da construção civil, conforto térmico, conforto ambiental, clima urbano, habitação e áreas vegetadas urbanas.

desenvolvimento infantil que se pode agregar o estímulo ao empreendedorismo como um instrumento de preparação para toda a vida.

Palavras-chave: Educação. Empreendedorismo. Desenvolvimento Infantil. Psicologia.

ABSTRACT:

This article analyzes childhood entrepreneurship from its implementation in public schools in Brazil, targeting students from 6 to 14 years old. The incentive from parents and teachers for the construction of an entrepreneurial attitude by children is analyzed. Within the child's own creative needs, it is possible to promote entrepreneurship by recognizing and rewarding their actions. It starts from the theoretical framework of Psychology and Education, with the contributions of Jean Piaget in pointing out the phases of child development. Piaget identifies, in children from 6 years old, the beginning of logical and operational thinking, problem solving, planning capacity and the faculty of interpreting the environment in the individual is broadened. It is understood, therefore, that it is in this phase of child development that the stimulus to entrepreneurship can be added as an instrument of preparation for life.

Keywords: Education. Entrepreneurship. Child development. Psychology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar as possibilidades do estímulo ao empreendedorismo na infância, principalmente, no âmbito escolar. Usa-se como parâmetro as análises de Jean Piaget acerca do desenvolvimento infantil, demonstrando como as crianças podem utilizar as ferramentas de seu entorno para construir experiências significativas.

As crianças são aptas a realizarem ações dirigidas à consecução de objetivos e respondem com facilidade a desafios, utilizando para tanto a criatividade, a imaginação e uma postura ativa frente aos projetos que lhe são propostos.

Para entender esses processos verificam-se os quatro estágios do desenvolvimento infantil proposto por Piaget. Nesses estágios, identifica-se em quais idades ocorrem o aprimoramento da coordenação motora, o nascimento do egocentrismo, a formação do raciocínio lógico da linguagem e do pensamento.

Especifica-se a concepção de criança e infância na Antiguidade, na Idade Média, na Modernidade e na Contemporaneidade para expressar de que modo as variadas sociedades entenderam o indivíduo nessa etapa da vida. Se a infância se interpreta como momento de crescimento, autonomia; verifica-se o espaço dado a família na sociedade e a função social dos pais e da escola na formação do indivíduo com o decurso do tempo.

Considerando a importância atribuída à escola no desenvolvimento infantil, o entendimento de que a criança, como indivíduo em formação pode aplicar o seu intelecto e esforço em projetos de empreendedorismo, compreende-se o conceito e os desdobramentos de uma pedagogia empreendedora.

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL CONFORME PIAGET

As crianças constroem ideias a partir de experiências diversificadas e em cenários significativos, de modo que ambientes de inovação auxiliam o seu desenvolvimento (FARIA, 2010). Para compreender melhor de que modo o empreendedorismo pode ser estimulado na infância, principalmente, no ambiente escolar, o presente capítulo se utiliza do referencial de Jean Piaget para demonstrar as fases do desenvolvimento infantil.

Busca-se demonstrar que as crianças são aptas para exercer atividades que envolvem a realização de objetivos, podem utilizar ferramentas criativas e responder a situações de desafio. Ocorre que para Piaget (1999), o desenvolvimento infantil está demarcado em quatro etapas no qual se tem a primeira delas denominada sensório-motor, onde se tem a construção da coordenação motora. Esse período ocorre de 0 a 2 anos.

Tem-se a segunda fase chamada de pré-operatório, demarcada do segundo ao sétimo ano do indivíduo. Nessa fase se dá a expansão da comunicação e todo o pensamento do indivíduo gira em torno de suas experiências individuais – por isso fala-se em um nascimento do egocentrismo nesse período (PIAGET, 1999).

A terceira fase, aponta Piaget (1999), é chamada de operacional concreto e abrange a idade de 8 a 12 anos. Nesse período, se tem a aplicação da lógica na solução de problemas por parte da criança, inclusive com a integração de objetos matemáticos e

físicos em sua compreensão de mundo. Já a etapa operacional formal, definida enquanto quarto estágio, se inicia aos 12 anos e marca o aprimoramento do raciocínio lógico.

É no período sensório-motor que a criança adere a rituais simbólicos. Nesse período, ocorre a implementação de jogos em seus processos de aprendizagem, esses jogos auxiliam no desenvolvimento das expressões verbais da criança. O período pré-escolar da criança é demarcado como o momento em que a criança começa a separar objetos, linguagem e pensamento e determina o campo da realidade e dos sentidos (MONTEALEGRE, 2016).

Ressalta-se, com Rosa Neto et al (2007), que é na primeira infância que se dá o período crítico para o desenvolvimento neuropsicomotor do indivíduo, nessa fase a criança forma os seus elementos motores e psicoafetivos, no qual se fixam os vínculos essenciais para a vida posterior da criança.

De acordo com Piaget apud Montealegre (2016), é possível para a criança desenvolver ferramentas de sua própria criação, como os jogos criativos. Quando se analisam os jogos em que as crianças se engajam percebe-se que são capazes de cumprir objetivos, desempenhar funções, aplicar a linguagem e a interagir com outros indivíduos para uma mesma finalidade.

A interação social é um ponto importante na concepção de Piaget – e tem a sua função em projetos de empreendedorismo. A inteligência humana se desenvolve a partir das interações sociais, como aponta Piaget, e essas interações, muitas vezes, são negligenciadas, determina o autor.

Piaget aponta os graus de socialização desde o grau zero (referindo-se a recém-nascidos) até o grau máximo, momento em que se define a personalidade dos sujeitos, reforça Taille (2019). Isso posto, entende-se que é preciso considerar o empreendedorismo na infância como elemento integrante dos processos de socialização das crianças.

O desenvolvimento cognitivo ocorre, conforme aponta Piaget apud Montealegre (2016), a partir de quatro fatores, sendo eles: a maturidade para o desempenho de um papel, a aplicação de determinadas ações perante objetos, a interação social e o equilíbrio entre processos de autorregulação e influências externas para o alcance de uma finalidade.

Considerando o referencial de Piaget, Freitas e Assis (2007), compreende-se como os aspectos cognitivos da criança, no decurso de seu desenvolvimento, se alinham a partir das noções de espaço, tempo e relações causais; fomentando as suas características individuais, a motivação, a curiosidade e a criatividade em suas práticas cotidianas. Desse modo, a criança já no início de sua formação é capaz de:

[...] identificar as posições em que encontram bonecos, animais, carrinhos etc., contornar os objetos dispostos no chão como carrinhos; dispor os objetos, de acordo com a sua organização espacial, representar graficamente um itinerário simples, etc. [...] narrar as histórias que cria respeitando uma sequência de acontecimentos; ordenar figuras constituindo um sequência lógica de fatos; determinar ações que habitualmente devem ser realizadas antes de outras; determinar ações que devem ser realizadas depois de outras; utilizar conceitos como já, agora; identificar acontecimentos ocorridos ontem, hoje e amanhã; etc. [...] descobrir os efeitos a partir da causa; descobrir a causa a partir dos efeitos; estabelecer relações de causa e efeito entre acontecimentos. (FREITAS; ASSIS, 2007, p. 97)

Nessa perspectiva, Piaget (FREITAS, 2007) discute que por meio das interações humanas, as crianças seriam capazes de proporcionar a construção da consciência e do pensamento. Complementar a isso, tem-se os contributos de Vygotsky sobre o desenvolvimento infantil ao qual se aponta a linguagem como detentora de um papel fundamental para a formação do pensamento, sendo estruturada pela lógica, e permitindo a interação dos sujeitos com o mundo (SOUZA; KRAMER, 1991).

Percebe-se, assim, que as crianças podem desenvolver atividades de empreendedorismo na infância que se alinham com o seu próprio desenvolvimento cognitivo, motor e emocional.

O desenvolvimento infantil associa-se à implementação de jogos e brincadeiras que estimulem a criatividade, a concentração, a interação com o meio social por parte da criança – elementos estes, necessários a projetos de empreendedorismo. Na próxima seção, se aprofunda de que forma o empreendedorismo pode ocorrer na infância.

EMPREENDEDORISMO NA INFÂNCIA

Para compreender o empreendedorismo na infância é necessário considerar as acepções desse período da vida no decurso do tempo. Além disso, de que forma a sociedade interpretou a infância, os significados e as repercussões dessas interpretações.

A criança, na Antiguidade, tem como parâmetro a sociedade grega antiga, ao qual se vê na figura paterna a máxima autoridade. Nesse sentido, a criança tem no seu pai a base de sua formação moral. Na Grécia, entende-se que a criança não é capaz, ainda, de utilizar o pensamento e o raciocínio, sendo incapaz até a idade adulta. Nessa fase, não haveria identidade, autonomia ou discernimento para tomar decisões (MOURA; VIANA; LOYOLA, 2013).

A criança na Idade Média é vista a partir de outro ângulo, no qual não se atribui identidade – de tal forma que as pinturas que retratam crianças nessa época mostram um indivíduo com traços de adulto, porém com um tamanho menor (MOURA; VIANA; LOYOLA, 2013).

A criança na Modernidade já é vista com mais autonomia, separando-se da figura do adulto. Nesse período, ganham atributos particulares em seus trajes, por exemplo. Tem-se o sentido de infância influenciado pelo cristianismo no qual se coloca a ideia de inocência infantil. E, ainda, as informações da infância trazidas pelos educadores e estudiosos que demonstram a centralidade da família dada nessa época e a relevância do desenvolvimento infantil como interesse social (MOURA; VIANA; LOYOLA, 2013).

O sentido de infância na Contemporaneidade, demarcada a partir do século XVIII, se altera profundamente ocorrendo uma desvalorização desse momento da vida. É no século XIX que surge o conceito de menor no Brasil, inclusive com a associação desse termo e a regulamentação de leis criminais. Fundam-se duas acepções de infância, uma inclusa nas políticas sociais básicas e outra excluída da ideia de família e políticas públicas (MOURA; VIANA; LOYOLA, 2013).

Para compreender a relação entre empreendedorismo e infância, importa também entender quais as dinâmicas possíveis entre trabalho e infância considerando o decurso do tempo e as variadas culturas. A exploração do trabalho infantil é historicamente observada no Brasil desde 1500. A primeira lei para proteção do menor

em 1981, com o Decreto nº 1.313, proibia o trabalho de crianças e adolescentes nas fábricas (PEREIRA, s/d).

Ocorre que a Revolução Industrial no século XIX gerou o emprego de mulheres e crianças em fábricas, atribuindo-lhes pagamento de meia força de trabalho - ou seja, como mão de obra barata. As crianças eram alocadas em postos de 15 horas de trabalho com um pequeno intervalo e, devido às condições insalubres, eram vítimas de doenças e alimentação insuficiente. Por sua falta de formação e conhecimento, muitas vezes, sofriam acidentes de trabalho, caindo dentro de máquinas (PEREIRA, s/d).

Por outro lado, a história também apresenta alguns cenários de interação entre trabalho e infância que detém aspectos positivos. Na Grécia Antiga, as crianças eram instruídas à aprendizagem do labor de seus pais, com respeito ao seu desenvolvimento e com acesso a ambientes sadios para a sua formação integral (PEREIRA, s/d). Essa troca de aprendizagem familiar fomentava o conhecimento de saberes úteis à comunidade desde a infância, tornando a aprendizagem significativa e alocando a família como centro desse processo educativo.

É preciso considerar que:

A história do trabalho se abre para além do trabalho industrial, e reconhece o trabalho na agricultura camponesa, nas pequenas indústrias e oficinas, e o trabalho doméstico onde sempre tiveram destaque os trabalhos das mulheres e dos filhos e filhas. [...] Conhecer a diversidade dos trabalhos vividos desde a infância poderia ser uma pista fecunda para entender a diversidade de saberes, valores, culturas, aprendizagens formais e informais. (ARROYO, VIELLA; SILVA, 2015, p. 35)

A infância, como apontado anteriormente, é o período no qual o indivíduo desenvolverá as suas capacidades e habilidades, elementos estes que o acompanharão durante as outras etapas da vida. Nesse sentido, é preciso que a pessoa tenha tempo e um ambiente salubre para desenvolver as suas potencialidades. Essa premissa exclui a criança do mundo do trabalho como se aplica a um adulto, visto que elevadas jornadas laborais requerem dedicação, formação e conhecimentos que uma criança não possui.

O empreendedorismo na infância deve ser interpretado não como uma extensão do mundo do trabalho, mas como um elemento que alinha criatividade, o próprio brincar, o desenvolvimento da autonomia (por meio de tomada de decisões e superação de desafios no seu ambiente cotidiano) e o empenho do indivíduo frente a um projeto.

Considera-se que a infância é o momento no qual o indivíduo realiza as suas descobertas do mundo e pode conectar as suas interpretações, formando novas ideias e iniciando projetos. O empreendedorismo na infância é tido como uma extensão das brincadeiras infantis, no qual a criança aplica a sua curiosidade e animosidade sobre o entorno, desenvolve novos comportamentos criativos e explora o meio social (SANTOS, 2018).

A inspiração é o elemento que permite edificar a cultura do empreendedorismo. Nesse contexto, inspirar as crianças é um caminho para a articulação do empreendedorismo na sociedade. O empreendedorismo é visto como tradução do espírito de um tempo, se sobrepõe ao mundo do trabalho e se aproxima da infância (CASAQUI; MATIJEWISTCH; FIGUEIREDO, 2019).

A aproximação do empreendedorismo com a infância também ocorre com a identificação de valores durante esse período da vida (tais como a postura ativa das crianças, a sua imaginação, empenho, criatividade, amigabilidade) que podem ser aspirados pela sociedade para sedimentar uma cultura empreendedora. Como determinam Casaqui, Matijewistch e Figueiredo (2019), o alinhamento do empreendedorismo com a infância permite fundar planos educacionais que incentivem uma pedagogia empreendedora e, conseqüentemente, projetar o futuro da sociedade.

Na próxima seção, será analisado o modo como práticas concretas de empreendedorismo podem ser fomentadas no ambiente escolar.

PRÁTICAS DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS: O CASO DO SEBRAE E A DEMANDA DO ENSINO PÚBLICO

Considera-se que o elemento central do empreendedorismo é o empreendedor, de modo que entender o empreendedorismo na infância é parte importante da compreensão dos projetos de criatividade e autonomia da vida adulta. Na análise da

autoimagem do líder, pesquisando a figura do empreendedor, Armond e Nassif (2009) apontam que a infância pode determinar comportamentos do adulto, definindo-o como um narcisista reativo ou um construtivista.

No primeiro caso, seria alguém marcado por experiências negativas, privações emocionais e revanche contra o mundo e, no segundo caso, seriam indivíduos equilibrados, com elevado senso de autoconsideração e autoestima positiva.

O empreendedor, conforme aponta Armond e Nassif (2009), teria como características principais a capacidade de monitorar ambientes externos, propor estratégias inovadoras, encorajar o pensamento inovador e correr risco para promoção de mudanças necessárias – todas essas características podem ser incentivadas e desenvolvidas no decurso da infância.

Dolabela (2003) fala acerca da Pedagogia Empreendedora direcionada à educação básica a partir do conceito de capital e desenvolvimento sociais. Entende-se que o empreendedorismo é direcionado ao bem estar coletivo, de forma integrada, sustentável e incluyente. Nesse sentido, a escola seria a principal referência de comunidade, constituindo-se como o ambiente propício ao empreendedorismo.

Furia (2013) apresenta os exemplos da Entrepreneur Boot Camp no Canadá que realiza um trabalho de estímulo ao empreendedorismo para crianças e adolescentes na idade de 8 a 13 anos. O objetivo do projeto é que as crianças possam desenvolver habilidades empreendedoras a partir de jogos, simulações e dramatizações que alinham negócios e diversões voltadas para essa fase da vida. Já a Kidpreneurs é uma empresa que direciona um projeto para alunos e professores com uma equipe que visita as escolas e apresenta os princípios básicos do empreendedorismo.

A escola proporciona o espaço para conhecer, fazer, conviver com outros, e aprender a ser. Esses fatores (conhecer, fazer, conviver, ser) são quatro pilares da educação que permitem adquirir um repertório de saberes e instrumentos de conhecimento que formam a cognição (DELORS, 2001 apud STOCKMANN, 2014).

A qualificação profissional está fundada no “aprender a fazer” visto que, assim, o indivíduo se torna apto para enfrentar mudanças e forma o eixo de sua competência produtiva. A convivência com o outro permite a aprendizagem progressiva e o “aprender

a ser”, proporciona ao desenvolvimento total dos sujeitos (DELORS, 2001 apud STOCKMANN, 2014).

O estímulo é um elemento crucial na educação, entende-se que respeitando o processo de maturação de cada etapa de ensino, e com cuidado, o educador pode proporcionar os estímulos necessários ao desenvolvimento cognitivo (TABILE; JACOMETO, 2017).

Gastin apud Furia (2013) analisa o empreendedorismo na infância e aponta que esse estímulo abrange ensinar determinadas capacidades para as crianças tais como a autovalorização, o controle sobre a própria vida, a liderança, a autogerência e responsabilidade, a aplicação de habilidades no cotidiano, a motivação, a comunicação e a resolução de problemas. Tratam-se das habilidades socioemocionais necessárias para a condução da vida na contemporaneidade.

As competências para o século 21 envolvem três campos de atenção, a cognição que abrange o pensamento crítico, o poder de tomar decisões, a inovação, a comunicação, a capacidade de resolver problemas, a alfabetização em TICs, a criatividade, o aprendizado adaptativo, a habilidade de escutar e a função executiva.

Um outro campo denominado interpessoal que envolve a negociação, a cooperação, a orientação para o serviço, a influência social, a auto apresentação, a responsabilidade, a empatia, a resolução de conflitos, a valorização da diversidade, a adaptação e o automonitoramento (GOMES, 2012).

Já no campo intrapessoal se tem o aprendizado contínuo, a metacognição, o autodidatismo, a valorização da arte e da cultura, a integridade, a cidadania, o profissionalismo e a ética, a iniciativa, a flexibilidade, o autocuidado, a determinação, a saúde física e psicológica, o interesse intelectual e a curiosidade, a consciência, a orientação para a carreira, a produtividade e a perseverança (GOMES, 2012). Muitos desses pontos podem e devem ser estimulados no ensino fundamental, experienciados seja pelos educandos como pelos professores.

Considera-se que “o empreendedorismo atualmente se estabelece como um fenômeno cultural fortemente relacionado ao processo educacional na formação de novas gerações.” (STOCKMANN, 2014, p. 14). Existe uma demanda nesse sentido no quadro

do ensino público, no qual se identifica a necessidade de fomentar práticas empreendedoras entre os estudantes desde o ensino fundamental.

Assim, o empreendedorismo na escola abrange:

[...] ver o ser humano como um ser potencialmente criativo, com habilidades e competências; enfim, com condições de buscar o novo pelo seu próprio interesse e necessidade. Uma educação empreendedora deve oportunizar espaço para a criatividade e a iniciativa. Deve prever espaços que valorizem a possibilidade do sonho e a capacidade de projetar o futuro. Como não existe apenas um caminho, cada escola deve procurar conhecer o seu entorno social, as características peculiares na comunidade escolar, reavaliar seu projeto político pedagógico e, a partir daí, construir um currículo que proponha conhecimentos e desenvolva habilidades, competências e atitude empreendedora. (BERLIM et al, 2006, p. 64)

Alguns parlamentares têm proposto projetos de lei para a inclusão do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas, de modo a proporcionar uma cultura de inovação, projetos e desafios aos estudantes.

O objetivo é formar alunos que sejam criativos, aptos para empreender e aproveitar oportunidades dentro de suas comunidades. Visa-se a utilização de técnicas motivacionais e um instrumental que permita ao aluno descobrir a sua vocação munido de empoderamento e uma mentalidade empreendedora desde a infância (OLIVEIRA, 2019).

O Projeto Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP) fomenta o autoconhecimento, novas aprendizagens e a coletividade entre os estudantes. O objetivo é construir uma educação transformadora que permita desenvolver habilidades e comportamentos empreendedores.

No ensino fundamental, criam-se atividades lúdicas na expectativa das crianças aprenderem a assumir riscos e tomarem decisões. Além disso, se espera que a criança aguace o seu poder de observação para captar oportunidades de inovação ante os cenários de desafio (SEBRAE, 2016).

Na prática, o JEPP prepara o aluno a partir de nove cursos diversos, com durações que variam de 22 a 30 horas. No primeiro ano do ensino fundamental, aplica-se o curso denominado “mundo das ervas aromáticas”; no segundo ano, o curso de “temperos naturais” ; no terceiro ano, a “oficina de brinquedos ecológicos” ; no quarto, uma locadora de produtos; no quinto ano, o curso “sabores de cores”; no sexto ano, uma ecopapelaria; no sétimo, artesanato sustentável; no oitavo, se dá o curso de empreendedorismo social; e no nono ano, fomenta-se o curso “novas ideias, grandes negócios” (SEBRAE, 2016).

A criança tem na escola o espaço para exercer a sua criatividade e para que o seu potencial criativo seja alcançado é necessário que receba estímulos nesse sentido. Disso decorre a importância dos projetos de empreendedorismo no ensino fundamental.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou articular o empreendedorismo na infância considerando as fases do desenvolvimento infantil proposto por Piaget ao qual se tem os aspectos da cognição, o sensório-motor, o raciocínio lógico e a linguagem como elementos da formação da criança. Apontou-se as possibilidades da tomada de decisões, da consecução de objetivos, do planejamento e da superação de desafios nessa etapa da vida da pessoa.

Além disso, a pesquisa de cunho teórico visou analisar o fomento ao empreendedorismo no ambiente escolar a partir da análise de projetos desenvolvidos pelo SEBRAE tal como o Projeto Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP) e a demanda pela fixação do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas, como concebido por projetos de lei.

Verificou-se, ainda, a estipulação de uma Pedagogia Empreendedora pelo qual o estudante é estimulado a conhecimentos significativos e para tal, tem como parâmetro a sua criatividade, a postura ativa, as próprias brincadeiras de infância e a vontade de realizar projetos.

REFERÊNCIAS

ARMOND, Alvaro Cardoso; NASSIF, Vania Maria Jorge. **A liderança como elemento do comportamento empreendedor: um estudo exploratório.** RAM, Revista de Administração Mackenzie, v 10, n 5, São Paulo, 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ram/v10n5/v10n5a05.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

ARROYO, Miguel; VIELLA, Maria dos Anjos Lopes; SILVA, Maurício Roberto. Trabalho infância: **Exercícios Tensos de ser Criança Haverá Espaço na Agenda Pedagógica?** Petrópolis: Vozes, 2017.

BERLIM, Clara Geni et al . **Princípios e práticas do empreendedorismo: um novo paradigma em educação e em psicopedagogia.** Rev. psicopedag., São Paulo, v. 23, n. 70, p. 62-67, 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mai. 2020.

CARVALHO, Pedro Monteiro de. **O papel do empreendedor na construção da identidade: uma análise dramaturgica.** Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43666/R%20-%20D%20-%20PEDRO%20MONTEIRO%20DE%20CARVALHO.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

CARVALHO, Pedro Manuel Rodrigues de; GONZALEZ, Luis. **Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora.** Comport. Organ. Gest. [online]. 2006, vol.12, n.1, pp.43-65. ISSN 0872-9662. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0872-96622006000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 29 mai. 2020.

CASAQUI, Vander; MATIJEWITSCH, Fernando; FIGUEIREDO, Camila Brandão Simurro. **Empreendedorismo, infância e celebridades: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 44, p. 99-119, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/download/78062/49892>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora.** São Paulo: Cultura, 2003.

FARIA, Marina Rodrigues. **El sentido del número: una experiencia de aprendizaje y desarrollo en educación infantil.** Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=21615>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

FREITAS, Maria Luisa de Lara Uzun de; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. **Os aspectos cognitivos e afetivo da crianças avaliadas por meio das manifestações da função simbólica.** Ciências e Cognição, 2007, vol 2, 91-109. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v11/v11a08.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GOMES, Patrícia. **Pesquisa americana releva as habilidades que precisam ser desenvolvidas nas crianças e jovens durante sua formação.** Porvir, 2012. Disponível em: <<https://porvir.org/conheca-competencias-para-seculo-21/>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

OLIVEIRA, Marcos. **Vereador quer incluir o ensino de Empreendedorismo nas Escolas Públicas.** Paracatu, 2019. Disponível em: <<https://paracatu.net/view/8654-vereador-quer-incluir-o-ensino-de-empreendedorismo-nas-escolas-publicas>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROSA NETO, Francisco et al. **Diretrizes de um programa de estimulação precoce na primeira infância.** Revista iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales, ISSN-e 1577-0788, Nº. 26, 2007 (Ejemplar dedicado a: IV Congreso Regional de Atención Temprana Y Psicomotricidad (Montevideo 2006)), págs. 147-154. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3678704>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SANTOS, Nathalia S. **Empreendedorismo na infância.** UNESP, 2018. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/lecotec/projetos/oicriativas/index.php/2018/03/26/empreendedorismo-na-infancia>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SEBRAE. **Educação Empreendedora no Ensino Fundamental.** 2020, online. Disponível em: <<https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreendedorora-no-ensino-fundamental,0c54be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia. **O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais.** Cadernos de Pesquisa, ISSN 0100-1574, ISSN-e 1980-5314, Nº. 77, 1991, págs. 69-80. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208721>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

STOCKMANN, Jussara Isabel. **Pedagogia Empreendedora.** Unicentro, Paraná, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/840/1/Pedagogia-empreendedorora.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

TABILE, Ariete Frohlich; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso.** Rev. Psicopedagogia 2017; 34(103): 75-86. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/08.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 2019.

MONTEALEGRE, Rosalia. **Controversias piaget-vygotski en psicología del desarrollo.** Acta Colombiana de Psicología, ISSN-e 1909-9711, ISSN 0123-9155, Vol. 19, N°. 1, 2016, págs. 284-296. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5779410>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PEREIRA, Gilmar de Jesus. **Breve histórico da exploração do trabalho infanto-juvenil.** Lex Magister, s/d. Disponível em: <http://www.lex.com.br/doutrina_27284325_BREVE_HISTORICO_DA_EXPLORACAO_D

[O_TRABALHO_INFANTO_JUVENIL.aspx](#)>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança.** Editora Crítica: São Paulo, 1986.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação.** Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.